

Depois da pandemia: a epifania das relações

Acredito que as pessoas hoje têm medo não tanto do coronavírus, mas de uma situação indeterminada que não é previsível nem administrável. Diante da epidemia, as pessoas se redescobriram como frágeis e isso é mais assustador que o vírus. A mentalidade atual nos leva a pensar que tudo é programável e gerenciável. Quando se descobre que não é assim, a pessoa parece não ter mais a possibilidade de se segurar e entra em crise. Se a epidemia nos ajuda a amadurecer uma concepção diferente de nós mesmos, não terá sido um sofrimento inútil.

Sempre soubemos que as pandemias passam por meio das relações entre as pessoas, em algumas ocasiões elas eram enfrentadas com o isolamento dos enfermos, enquanto desta vez as relações se tornaram a principal ferramenta do controle social total, ou seja, têm sido utilizadas pelos governantes, em nível nacional e local, para direcionar sistemicamente toda a população de forma preventiva e coercitiva. A outra novidade reside no fato de que tivemos que reconhecer que as relações não são uma projeção de nosso eu, de nossos sentimentos, gostos, opiniões e necessidades, mas são uma realidade independente de nosso eu.

Por isso, hoje, precisamos falar de uma epifania das relações, no sentido de que as relações, embora invisíveis como o ar, se revelaram como o fator decisivo da vida ou da morte, porque o vírus está na relação, é a relação em si mesmo quando não é conscientemente guiada pela reflexividade pessoal e social. Em suma, essa pandemia nos revelou que os relacionamentos são uma realidade autônoma, externa aos indivíduos, da qual eles têm pouca ou nenhuma consciência. Fica claro que não temos uma cultura adequada para administrar relações.

A modernidade imunizou as pessoas das relações, no sentido de que considerou as relações como limitação do indivíduo, como constrição do seu eu e, portanto, como algo do qual deve se desprender, passível de ser modificado à vontade, para tornar os indivíduos mais livres. Essa visão da modernidade des-

morona diante da pandemia, porque a pandemia nos revela que, sem relações boas e saudáveis, a vida humana se torna problemática. Portanto, depois da pandemia, teremos que nos mover para outro horizonte, aquele que cultiva os bens relacionais, ao invés do indivíduo que compete pelo sucesso e pelo consumo cada vez mais volátil, desprovido de relacionalidade humana significativa.

Se as relações não são vistas, é inevitável que as pessoas acabem assumindo uma ou outra das duas atitudes: por um lado, fechando-se em si mesmas, isolando-se do mundo, talvez utilizando apenas tecnologias de comunicação que as isolam ainda mais, que caem naquilo que foi chamado de “síndrome da toca”; por outro lado, aceitar as limitações impostas pelas autoridades apenas como um constrangimento temporário do qual se busca libertar o mais cedo possível, voltando o mais rápido possível aos comportamentos gregários, às reuniões, aos bares, à vida noturna.

Essa alternativa é a única que existe se não se pensa nos contatos com os outros em termos de relações. Não foi claramente esclarecida a diferença entre a distância física, que é certamente necessária, mas que é apenas um dado espacial (1 metro, 2 metros, etc.), e a distância social que, por outro lado, é uma relação, portanto é, uma ação intencional recíproca entre as pessoas, que podem ter diferentes qualidades e modos de ser. As pessoas humanas precisam de relacionamentos como de ar e pão, mas devem aprender a distingui-los por suas diferentes qualidades e poderes causais. Pode-se ter uma relação inter-humana mesmo sem se tocar fisicamente, se a alma for capaz de se relacionar gestando o próprio corpo. A mensagem deveria ser que não se trata de “estar distante dos outros”, mas de aprender a como comunicar e partilhar os bens em comum, mesmo que apenas com pequenos gestos ou olhares, observando a distância física.

Acreditamos que agora não se trata de retornar a uma suposta “normalidade”, não se trata de reconstruir o que foi perdido ou destruído, mas de re-gerar a sociedade, isto é, de gerá-la do zero com uma conversão profunda do nosso modo de viver, um modo que coloca as relações humanas e sociais no centro. Conversão vem do latim *cum-vertere*, que significa mudar de direção juntos. Para onde?

Nós falamos de uma sociedade relacional, mas que pode ser refigurada quando se compreende aquilo que escreve o Papa Francisco na Encíclica *Fratelli tutti*, onde diz que é necessário dar “o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira, como vocação de todos” (n. 277). Naturalmente, fazemos propostas muito concretas sobre o que isso significa e implica na organização concreta da sociedade, portanto na família, no trabalho, na escola, na sociedade civil, na economia e na política. Em suma, precisamos adotar um paradigma relacional, que nos ajude a viver todas as áreas da vida e a trabalhar de forma “relacional”. Em primeiro lugar, a família como uma específica relação de plena reciprocidade entre homens e mulheres e entre as gerações.

Em seguida, o trabalho como uma relação social em que a sociabilidade é mais importante do que o sinalizador entre prestação de serviço e contra-presta-

ção (daí a necessidade de promover contratos relacionais entre família e empresa). Depois a escola como lugar de formação das novas gerações para relações sociais propriamente humanas, e não apenas para a transmissão de uma instrução. Toda a sociedade civil como um conjunto de redes de relações e não como uma arena pública impessoal de indivíduos concebidos como átomos sociais (de acordo com a visão individualista que se tornou famosa pela famosa afirmação de Margaret Thatcher de que “a sociedade não existe, só existem indivíduos”).

Em particular, a economia, como a mais moral de todas as ciências, e a política como compromisso com a construção dos bens comuns, ou seja, os bens relacionais, para a *pólis*. Esse cenário assume a forma de uma nova forma de ‘fazer sociedade’, a sociedade relacional, partindo de um novo *modus vivendi* das pessoas e de suas redes sociais até o estabelecimento de um Estado relacional.

A pandemia certamente pode ser combatida com vacinas, mas antes e depois é ainda mais útil saber administrar as relações que evitam a propagação de todos os tipos de vírus, não só os de saúde, mas também os ideológicos e culturais com os quais não se sabe lidar com a realidade das relações sociais e, portanto, sempre geram novas pandemias.

Hoje o pós-moderno tem medo das diferenças e, portanto, das relações verdadeiras, porque a modernidade gerou conflitos ao se mover justamente em um nível meramente lógico, devido à secularização intrínseca que a levou a negar a matriz trinitária. Mas negar as diferenças significa excluir a possibilidade de relações, pois a relação real sempre leva a perceber uma diferença real, e condenar as pessoas à sua solidão. É por isso que vivemos hoje um duplo vínculo cultural profundamente patológico que nos diz para sermos únicos, adaptando-nos a paradigmas extrínsecos a nós, como se fosse possível não estar só (e a tentativa de superar a solidão sozinho é a essência ontológica do pecado).

Quando o homem não sabe mais pensar nas diferenças, sua humanidade está em risco. É por isso que sentimos que podemos prever uma convergência de forças sociais, econômicas e políticas para um sério repensar cooperativo de nosso mundo ocidental, que hoje, pelo consumismo, é sistematicamente construído contra o nono e décimo mandamentos, portanto, sistematicamente dedicado à idolatria. O terrível risco é que as tensões entre os novos pobres explodam. O sistema em que o opulento Ocidente atrai as melhores forças dos países mais pobres e os corrompe junto com seus próprios filhos não poderá continuar. A desvalorização do preço do petróleo prejudica as remessas de trabalhadores dos países árabes mais ricos, abrindo um cenário de forte desestabilização no Mediterrâneo.

Politicamente, as alianças partidárias explodiram e as polarizações devem ser abandonadas para se agregar em novas formas em torno de problemas reais e não de ideologias, um termo não coincidentemente próximo de um ídolo. A esperança é que os jovens sejam atraídos para um compromisso econômico e político que esteja verdadeiramente a serviço da humanidade e, portanto, de suas relações.

Gostaríamos de tratar de outros temas nessa nova edição da Revista Pen-

sar, mas a pandemia continua nos desafiando e interpelando quanto às relações. Na ampla visão dos textos aqui publicados teremos a oportunidade de não apenas mergulharmos nos desafios da pandemia, mas também refletirmos sobre o trajeto da teoria utilitarista desde a sua origem até alguns entendimentos atuais; dois outros autores nos apresentam a compreensão da relação “Ser e Deus”, o “panenteísmo” e o Ser primordial a partir de uma abordagem introdutória à Filosofia Estrutural-Sistemática de Lorenz Puntel; uma apresentação ao pensamento filosófico de Roger Bacon. No horizonte teológico, além da reflexão sobre os efeitos da pandemia, somos brindados com uma breve introdução biográfica, em que se destaca o pano de fundo cultural, linguístico e histórico que levará Boécio a transpor a sutil noção grega de *hypóstasis* à problemática noção latina de *persona*; uma contribuição sobre as perspectivas da fé antropológica segundo Karl Rahner; finalmente, veremos como ocorre o encontro com Cristo presente na comunidade reunida em seu nome.

Washington Paranhos

Cláudia Maria Rocha de Oliveira

Luiz Carlos Sureki